



# EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

---

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)





# EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

---

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)



**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar



Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



# Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E64 Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-695-9

DOI 10.22533/at.ed.959210601

1. Epistemologia. 2. Metodologia. 3. Pesquisa. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 120

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

A Coleção *Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas* se baseia na premissa da conjunção de saberes para a promoção de novas discussões no meio científico, a partir da convergência entre esses diferentes saberes. Movimento esse que surge como oposição à ideia de hiper-especialização.

Nesse caminho podemos estabelecer ao menos quatro formas nas quais acontecem essas interações: multidisciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar.

A diferenciação entre elas se define de acordo com critérios que vão desde o intercâmbio de teorias e metodologias até a construção de uma nova forma de ver um determinado objeto.

Desse modo, é possível definir da seguinte maneira:

- Multidisciplinaridade – Sistema de um nível, não integrado, de várias disciplinas que atuam cada qual em proveito próprio, na qual não ocorre interação direta entre as mesmas.

- Pluridisciplinaridade – Sistema de um nível, não integrado, de várias disciplinas que ajudam complementarmente, mas sem alterar teórico ou metodologicamente uma a outra.

- Interdisciplinaridade – Sistema de dois níveis, no qual duas ou mais disciplinas interagem fortalecendo aquela considerada como estando em um nível superior, ou então colaborando para a construção de um novo saber.

- Transdisciplinaridade – A construção de um sistema total onde duas ou variadas disciplinas contribuem para uma determinada pesquisa sem que um saber seja necessariamente validado pelo outro.

Diante dessa perspectiva inter e transdisciplinar esse volume conta com 21 capítulos abordando diversos assuntos como: as configurações de gênero, as configurações raciais, os processos de formação docente, de identidade, relações entre comunicação e antropologia, questões de desenvolvimento urbano, preservação de patrimônio cultural e aspectos da aprendizagem pela tecnologia.

Espero que algumas dessas convergências se mostrem como possibilidades discursivas para novos trabalhos e novos olhares sobre os objetos humanos.

Uma boa leitura!

**Ezequiel Martins Ferreira**

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A POTÊNCIA PEDAGÓGICA DA ÓPERA-ROCK “PAJUBÁ” DE LINN DA QUEBRADA

Paulo Henrique de Oliveira Barroso

DOI 10.22533/at.ed.9592106011

### **CAPÍTULO 2..... 19**

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO BIOGRÁFICO E DA PESQUISA DOCUMENTAL COMO FORMAS DE PESQUISA DO GÊNERO FEMININO

Karina Regalio Campagnoli

DOI 10.22533/at.ed.9592106012

### **CAPÍTULO 3..... 30**

MARIA PAES DE BARROS: MEMÓRIAS DE OMISSÃO EM TEMPOS DE LUTA PELA EMANCIPAÇÃO

Eveline Viterbo Gomes

DOI 10.22533/at.ed.9592106013

### **CAPÍTULO 4..... 40**

FEMINIZAÇÃO E FEMINILIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UM OLHAR VOLTADO PARA A LITERATURA

Danielly Jardim Milano

Kátia dos Santos Pereira

Patrícia Rodrigues Chaves da Cunha

Raquel Peres Macêdo

DOI 10.22533/at.ed.9592106014

### **CAPÍTULO 5..... 50**

FEMINILIDADES NEGRAS: UM ESTUDO DE RELAÇÕES ESPACIAIS PARADOXAIS

Louise da Silveira

Benhur Pinós a Costa

DOI 10.22533/at.ed.9592106015

### **CAPÍTULO 6..... 70**

MITOS PÓS-MODERNOS NOS DISCURSOS SOBRE RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL: O CASO DO JONGO CIGANO

Rafael Romano

DOI 10.22533/at.ed.9592106016

### **CAPÍTULO 7..... 83**

CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO: AUTOACEITAÇÃO E REFLEXÕES SOBRE RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE UMA ESTAGIÁRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Thays Souza da Costa

DOI 10.22533/at.ed.9592106017

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>93</b>
ESCRITA DE SI E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIA COM ATELIÊ BIOGRÁFICO DE PROJETO	
<p>Maria Márcia Melo de Castro Martins          Maria Leani Dantas Freitas          Nívea da Silva Pereira          Francione Charapa Alves</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9592106018</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>103</b>
UM APANHADO SOBRE A PRESENÇA DA INTERDISCIPLINARIDADE EM DOCUMENTOS OFICIAIS A PARTIR DA LDBEB 9394/96 até 2016	
<p>Neslei Noguez Nogueira          Denise Nascimento Silveira</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9592106019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>113</b>
APONTAMENTOS SOBRE COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS À DOCÊNCIA	
<p>Antonia Zulmira da Silva</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE INTELIGÊNCIA EM ESCOLARES DE MATO GROSSO	
<p>Ana Julia Candida Ferreira          Cleiton Marino Santana          Widson Marçal Ferreira          Adriano Mendonça de Oliveira</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
A PRIMEIRA YESHIVÁ DO BRASIL – UM OLHAR SOBRE AS MEMÓRIAS E SABERES DOS MESTRES DE UMA HISTÓRIA	
<p>Vanessa dos Santos Novais</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
ZAQUEU (Lc. 19, 1-10) UM EXEMPLO A SER SEGUIDO PELOS CORRUPOTOS ARREPENDIDOS	
<p>José Carlos Dalmas          Vicente Artuso</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
O QUE LATOUR TERIA A CONTRIBUIR PARA OS ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO?	
<p>Tarcísio de Sá Cardoso</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060114</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>173</b>
APROXIMAÇÕES ENTRE PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS E DOS ESTUDOS CULTURAIS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>186</b>
O DISCURSO PUBLICITÁRIO COMO OBJETO DE ANÁLISE NO CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO DA LEI ORGÂNICA DA SAÚDE	
Náthaly Zanoni Luza	
Eliane Cadoná	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>196</b>
OS OBJETIVOS ESSENCIAIS DA SAÚDE PÚBLICA E O RECONHECIMENTO DOS DIREITOS DE PROPRIEDADE INTELECTUAL DE MEDICAMENTOS	
Maria Paula da Rosa Ferreira	
Isabel Christine Silva de Gregori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>209</b>
NÍGER: LOS DESAFÍOS DEL PAÍS CON EL MÁS BAJO IDH DEL MUNDO	
Rafael Aguirre Unceta	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>225</b>
AGENDA PARA EL DESARROLLO MUNICIPAL: UN INSTRUMENTO DE EVALUACIÓN PARA LOS GOBIERNOS MUNICIPALES EN MÉXICO	
María Del Rosario Hernández Fonseca	
Hugo Isaías Molina Montalvo	
Rosa María Rodríguez Limón	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>231</b>
INSTRUMENTOS LEGAIS DE PRESERVAÇÃO E EXPANSÃO IMOBILIÁRIA: A CONTRIBUIÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO CONTEXTO URBANO NO LITORAL NORTE DE MACEIÓ, ALAGOAS, BRASIL	
Adriana Guimarães Duarte	
Josemary Omena Passos Ferrare	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>247</b>
VALIDAÇÃO AMOSTRAL DE UMA FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA ANALISAR OS NÍVEIS DE HABILIDADES RELACIONADOS À APRENDIZAGEM DE CONCEITOS ABSTRATOS DE LÓGICA DE PROGRAMAÇÃO	
Fernanda Regebe	
Amanda Amantes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95921060121</b>	



<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>257</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>258</b>

## MITOS PÓS-MODERNOS NOS DISCURSOS SOBRE RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL: O CASO DO JONGO CIGANO

*Data de aceite: 04/01/2021*

*Data de submissão: 03/10/2020*

**Rafael Romano**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
(UERJ)

Programa de Pós-graduação em Educação  
(ProPEd)

Rio de Janeiro - RJ

Agência de fomento: CAPES

<http://lattes.cnpq.br/2076426934376603>

**RESUMO:** Jongo se caracteriza por ser uma manifestação cultural, constituída por dança afro-brasileira, primitiva, de intenção religiosa, que é praticada em roda, com percussão de tambores e músicas. Tende-se a criar uma versão romântica da realidade sobre o jongo, de que “tudo pode”, “tudo é legítimo” dentro da perspectiva dos discursos da resignificação da cultura. O objetivo deste estudo foi apresentar algumas questões e reflexões, de uma pesquisa muito mais ampla (ROMANO, 2020a; ROMANO, 2020b), sobre os processos de apropriação cultural indevida da cultura dos povos ciganos, empreendidos pelo show “Jongo Cigano” do Grupo Cultural Jongo da Serrinha, dentro da perspectiva de indústria cultural da Escola de Frankfurt. Além de também responder críticas feitas às minhas publicações anteriores. Concluo que a maioria das pesquisas sobre “Jongo” e “Jongo da Serrinha” acenam para um caráter de resignificação cultural, nesse sentido. Não há, no entanto, nenhuma pesquisa que se dedique a compreender e aprofundar

uma discussão sobre o “Jongo Cigano”. A pouca ou falta de vivência, por parte da maioria dos pesquisadores, junto aos grupos, comunidades jogueiras, suas práticas culturais, demandas e conflitos, os impede de enxergar diversas nuances do universo jogueiro que precisam ser, urgentemente, problematizadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jongo, Jongo da Serrinha, Jongo Cigano.

### POST-MODERN MYTHS IN DISCOURSES ON CULTURAL RESTIGNIFICATION: THE CASE OF GYPSY JONGO

**ABSTRACT:** Jongo is characterized for being a cultural manifestation, constituted by Afro-Brazilian dance, primitive, of religious intention, that is practiced in circle, with percussive of drums and music. There is a tendency to create a romantic version of the reality about jongo, that “everything can”, “everything is legitimate” within the perspective of the re-signification of culture. The objective of this study was to present some questions and reflections, from a much broader research (ROMANO, 2020a; ROMANO, 2020b), on the processes of cultural misappropriation of the culture of Roma people, undertaken by the show “Jongo Cigano” by Grupo Cultural Jongo da Serrinha, within the cultural industry perspective of the Frankfurt School. In addition to responding to criticisms made of my previous publications. I conclude that most research on “Jongo” and “Jongo da Serrinha” points to a character of cultural resignification, in this sense. However, there is no research that is dedicated to understanding and deepening a discussion about “Jongo Cigano”. The little or lack of experience on the part of most

researchers, together with groups, jongueiras communities, their cultural practices, demands and conflicts, prevents them from seeing different nuances of the jongueiro universe that urgently need to be problematized.

**KEYWORDS:** Jongo, Jongo da Serrinha, Gypsy Jongo.

## 1 | INTRODUÇÃO

O jongo, para Ribeiro (1984), se caracteriza por ser uma manifestação cultural, constituída por dança afro-brasileira, primitiva, de intenção religiosa, que é praticada em roda, com percussão de tambores e músicas que são conhecidas como pontos, entoados pelos denominados jongueiros, nos estados do Sudeste do Brasil. Ao consultar as literaturas de autores de temáticas afro-brasileiras, de Nina Rodrigues a Artur Ramos – nas palavras da autora – o jongo ou não mereceu atenção ou não o conheceram. Ribeiro (1984) cita a obra de Luciano Gallet como o primeiro registro sobre jongo, em 1927. A autora destaca, entretanto, que para Gallet as letras dos jongs não tinham importância e que, em geral, os pesquisadores só faziam referências à coreografia e a música. Esta obra de Ribeiro (1984), ao qual estou referenciando, foi publicada em sua primeira edição em 1960, ou seja, até sessenta anos atrás a academia não dava o devido tratamento a questão dos estudos sobre o jongo. As primeiras gravações em áudio ocorreram em 1948 e 1949, pelo pesquisador Stanley Stein (2007), que visitou o Vale do Paraíba e acabou descobrindo o jongo por acaso.

Ribeiro (1984) levanta a hipótese, que concordando com Santo (2011) penso ser a mais provável, de que o jongo deriva dos povos bantu de Angola, de seus enigmas e adivinhações denominados “Jinongonongo”, suas formas de literatura popular, de acordo com Ladislau Batalha (RIBEIRO, 1984). Entretanto, a autora tem o cuidado de não fazer afirmações ou defender verdades absolutas, nesse sentido:

[...] O jongo tem sido considerado como dança de procedência angolosa. Vimos que enigmas e adivinhações representam prática usual entre os negros bantos. Não temos, porém, elementos que nos permitam afirmar a existência da dança em Angola. Quem sabe teria sido trazida pelos escravos que aqui, então, passaram a servir-se das adivinhas e dos enigmas como meio sutil de comunicação, que lhes favorecesse entendimentos, mesmo sob olhares e chicotes de cruéis capatazes? (RIBEIRO, 1984, p. 29)

Robert Slenes (2007) discorda de Ribeiro (1984) e defende que a etimologia da palavra “jongo” estaria, mais provavelmente, na língua africana Kikongo em palavras que ressoariam com a língua Umbundu, ambas faladas em Angola, com os respectivos significados descritos pelo autor: “ponta, agulhão, algo pontudo [...] tiro de fuzil, carga de pólvora [...] tiro/combate com a boca, disputa, imitação de um tiro de fuzil com a boca [...] ponta de flecha, bala [...] a palavra é uma flecha/bala” (SLENES, 2007, p. 138).

Santo (2011) cita a obra de Nei Lopes “Sambeabá: samba que não se aprende na escola”, como exemplo de que essa retórica de Slenes (2007) é aleatória e improvável, afirmando que seria mais coerente supor a etimologia da palavra jongo ao vocábulo onjongo, proveniente de uma dança dos ovimbundos de Angola. Porém, parece concordar mais com a tese de Ribeiro (1984) sobre “Jinongonongo”: “[...] a transliteração Jinongo>J’ongo é bastante convincente, sim. Provavelmente, foi o uso corrente da palavra aqui no Brasil que fez com que se suprimisse o primeiro ‘n’ da palavra” (SANTO, 2011, p. 5050).

O jongo foi tombado como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, em 2005, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), através de um extenso dossiê para registro e salvaguarda (BRASIL, 2007). Há importância nesse reconhecimento, uma vez que possibilita a difusão e aprofundamento de conhecimentos acerca de determinada manifestação cultural, além de financiamento por editais públicos para manutenção de suas práticas. Porém, há que se pontuar também que o poder público acabou (por uma pretensa autoridade acadêmica sobre o saber popular, não acadêmico) legitimando as práticas culturais de grupos de jongo que não eram legítimas. Uma liderança de uma comunidade jogueira centenária, do estado de São Paulo, me confidenciou que na ocasião do tombamento do jongo e reconhecimento das comunidades jogueiras, alguns grupos foram criados de momento para receber esta honraria. Ao contrário de sua comunidade que sobrevive desde o período escravocrata. E que as lideranças desses grupos, forjados no apagar das luzes, são hoje reconhecidas como mestres jogueiros, por acadêmicos e simpatizantes deslumbrados e pouco informados. Por razões óbvias, vou preservar a identidade dessa fonte e as das que esta se refere.

Não seria uma desonestidade intelectual de minha parte afirmar, portanto, que o reconhecimento que o jongo no Sudeste tem hoje, não só como patrimônio imaterial pelo Iphan, mas também como ritmo, gênero musical, folclórico, sacralizado, pop-urbano, entre tantas outras denominações deve muito ao esforço de divulgação de Darcy Monteiro (Mestre Darcy do Jongo). O que me preocupa, entretanto, são as constantes tentativas e abordagens invasivas para a descaracterização do jongo, por parte dos “de fora” (SANTO, 2011), disfarçadas nos discursos pós-modernos da ressignificação.

Neste sentido, este estudo teve como objetivo apresentar algumas questões e reflexões, de uma pesquisa muito mais ampla (ROMANO, 2020a; ROMANO, 2020b)<sup>1</sup>, por mim realizada, sobre os processos de apropriação cultural indevida da cultura dos povos ciganos, empreendidos pelo show “Jongo Cigano”, dentro da perspectiva de indústria cultural da Escola de Frankfurt. Além de também responder críticas feitas às minhas publicações anteriores.

1. Dada a originalidade desta temática (Jongo Cigano), sua polêmica e o seu não aprofundamento em nenhuma pesquisa, de nenhuma natureza, por nenhum outro pesquisador, julguei importante promover sua ampla divulgação, discussão e problematização. Neste sentido, publiquei a primeira e mais extensa versão em formato de artigo científico (ROMANO, 2020a), a segunda resumida em um pôster (ROMANO, 2020b) para oportunizar o debate, em tempo real, com pesquisadores afins. Nesta terceira, como capítulo de livro, apresento as partes fundantes da pesquisa, assim como minha resposta aos críticos.

## 21 O JONGO CIGANO DA SERRINHA<sup>2</sup>

*“Algum ‘anti-essencialista’, olhando este cartaz abaixo pode me explicar então agora... antropologicamente, que merda é esta?”*

*Spirito Santo*



Figura 1 – Cartaz de divulgação do show “Jongo Cigano”.

A citação acima, que abre esta seção, é um trecho do texto postado por Spirito Santo (2011) em sua rede social *Facebook*, em 9 de junho de 2014, mencionando o cartaz de divulgação do show “Jongo Cigano”. Optei por não expor a identidade das pessoas no cartaz, uma vez que não solicitei suas autorizações e porque, provavelmente, não concordariam com as críticas dirigidas nas linhas a seguir.

No ano de 2014 o Grupo Cultural Jongo da Serrinha lançou um novo show intitulado “Jongo Cigano”, que ocorreria nos bairros de Madureira, Gamboa, Ipanema e Centro, na cidade do Rio de Janeiro. Sousa (2015) conta que o espetáculo foi dividido em duas partes: na primeira faria uma alusão à cultura cigana e na segunda retirariam essas vestimentas deixando-as próximas a imagem de Santa Sara Kali, como parte do cenário.

Penso que Sousa (2015) usa indevidamente a obra de Eduardo Coutinho para fazer a defesa do “Jongo Cigano” em seu texto. A autora utiliza o conceito da comunicação intertemporal, onde Coutinho (2002) sugere que os sujeitos históricos de uma geração passada estariam se comunicando (sem que, necessariamente, se encontrem na mesma época) com os da geração futura a fim de reinterpretar valores e ideias, gerando novas (re)interpretações criativas. O trabalho de Coutinho (2002) trata do papel ativo do sujeito, de projetos identitários, acusando de conservadoras as tentativas de se abstrair a cultura do processo histórico. Tem inspiração marxista ao pensar o mundo pela ótica da luta de classes e gramsciana quando trata das estratégias contra-hegemônicas do compositor

2. Esta seção foi, originalmente, publicada em Romano (2020a; 2020b).

Paulinho da Viola e, conseqüentemente, estruturalista. A apresentação do livro de Coutinho (2002) é escrita por José Paulo Netto, uma das maiorias referências em marxismo no Brasil e crítico do pós-estruturalismo e pós-modernismo.

Paulo Netto (2010) argumenta que entre as características das teorias pós-modernas está a “aceitação da imediatividade com que se apresentam os fenômenos socioculturais como expressão da sua inteira existência e do seu modo de ser” (p. 261). Outra característica, é a dissolução da ideia de verdade que se torna resultante de um consenso intersubjetivo, que deve ser alcançado pelo discurso, e a interdição da universalidade para dar lugar às particularidades culturais (PAULO NETTO, 2010). Portanto, a argumentação de Sousa (2015) destoa muito ao realizar a defesa do Jongo Cigano, em Coutinho, uma vez que traz Stuart Hall e suas concepções pós-estruturalistas dos Estudos Culturais para o debate. Neste sentido, não posso concordar com essa perspectiva romântica de Sousa (2015) de que se trata de uma “reconstrução” ou uma “ressignificação” do Jongo da Serrinha.

Outros autores com perspectivas pós-estruturalistas, como Rufino em sua dissertação (RODRIGUES JÚNIOR, 2013) e tese (RUFINO, 2017), também romantizaram, em metáforas, falas de jongueiros (novos?) provavelmente criadas pelos “de fora”. Ao propor em sua tese uma problematização poética dos efeitos do colonialismo, a partir da simbologia da “encruzilhada de Exu” como “projeto político/poético/educativo/antirracista/decolonial”, o autor também recorre, em diversos trechos de seu texto, à noção de jongo como uma flecha que sai da boca: “Os mestres jongueiros já nos haviam deixado o ensinamento de que as palavras são flechas que saem da boca” (RUFINO, 2017, p. 86). Também mencionado em sua dissertação: “Ouvi por diversas vezes de jongueiros, que a palavra, o ponto, é como se fosse uma flecha que sai da boca” (RODRIGUES JÚNIOR, 2013, p. 19).

Não há, no entanto, a descrição desta referência à “flecha” por nenhum jongueiro ou mestre jongueiro ou literatura anterior ao ano de 2007. A primeira vez que esta definição aparece é na entrevista de Robert Slenes, para o documentário “Jongos, Calangos e Folias - Música Negra, Memória e Poesia”<sup>3</sup>, de 2007, e no texto do próprio Slenes (2007) publicado no mesmo ano, no livro “Memória do Jongo”. Esta semiótica de Slenes (2007) é caracterizada por um improvável contorcionismo retórico. Sua versão, inclusive, não é confirmada por nenhum jongueiro no próprio documentário e não há literatura, anterior que a endosse. A conclusão óbvia é a de que os “novos jongueiros”, isto é, aqueles incorporados e/ou nascidos às/nas comunidades jongueiras e aos/nos novos grupos de jongo adotaram esta versão a partir de 2007. Ou ainda, que os “jongueiros velhos” tenham sido também colonizados por esta versão branca e “bem intencionada” de Slenes (2007).

Há que se questionar, então: como pensar a decolonialidade e empreender um projeto antirracista, valendo-se de metáforas poéticas, disfarçadas de saberes populares, criadas por um autor norte-americano, branco, “de fora”? Seria isto o enfrentamento da arrogância da lógica colonial com outra (ou a mesma) lógica colonial?

3. Link do documentário: [https://www.youtube.com/watch?v=DB\\_AHH3xXYQ](https://www.youtube.com/watch?v=DB_AHH3xXYQ)



Deixo este ponto (de demanda) amarrado para, talvez, ser desatado em outro texto ou roda: “Marafunda é marafunda, saber nasce de ponto, Samambaia de cacunda.”

O show “Jongo Cigano” também teria por objetivo lançar um “novo jongo” criado por um músico branco, Adriano Furtado (GRUPO CULTURAL JONGO DA SERRINHA, 2014). Apesar de Adriano estar somente há sete anos (até 2014) no grupo e não ter qualquer relação com a cultura cigana, de acordo com seu currículo<sup>4</sup>.

Menini (2015) defende que é preciso compreender a pluralidade dos ciganos brasileiros e que abusar de estereótipos (beleza, alegria, sedução e liberdade), com o intuito de se conferir autenticidade às suas produções artísticas, pouco ou nada contribuem para a compreensão desses grupos (MENINI, 2015).

Penso que a criação de um “novo jongo” cigano, por um violonista branco, “de fora” (SANTO, 2011), se torna mais um produto da indústria cultural que, na concepção frankfurtiana, empobrece e simplifica a cultura ao mais baixo denominador comum, eliminando sua pluralidade para que todos possam compreendê-la facilmente e consumi-la (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, ADORNO, 2002), pelo artifício sedutor da dança, da música que proporciona a felicidade momentânea.

Defendo que ocorreu, portanto, apropriação cultural da cultura dos povos ciganos, como o ato de apropriar-se de bens culturais específicos de determinados grupos, como comportamentos, hábitos, símbolos, objetos, por parte de outro grupo cultural diferente (PINHEIRO, 2015). Nesta perspectiva, símbolos de distinção de grupos culturais perderam seu valor, sua história e seus significados originais, rebaixados a uma condição inferior para atender, exclusivamente, a uma demanda consumista (HELENO; REINHARDT, 2017).

### 3 | RESPONDENDO CRÍTICAS DAS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES

*“Até papagaio fala é só o dono ensinar*

*Quem fala, fica falado*

*De tanto que quis falar”*

*Mestre Jefinho Tamandaré*

Não seria mais que pertinente iniciar esta seção, com um ponto de demanda do saudoso Jefinho Tamandaré, mestre da comunidade jogueira dos Quilombolas de Tamandaré - Guaratinguetá (SP). A demanda é para o jogueiro o desafio, enfrentamento, o verso pronto ou (o mais valorizado e difícil) de improviso que surge no momento, para responder ao outro jogueiro (RIBEIRO, 1984; SANTO, 2011; ROMANO, 2020a). Mestres jogueiros me contaram que o improviso na demanda, no jongo, foi o que deu origem também aos versos de improviso do partido alto, no samba. No jongo o ponto é amarrado por um, desatado por outro (RIBEIRO, 1984), logo após um “machado” ou “cachoeira”

4. Link do Currículo Lattes de Alexandre de Oliveira Furtado: <http://lattes.cnpq.br/0612876810231359>

(dependendo da região), pedido pelo jongueiro desafiado, para que o coro e os tambores parem para que ele possa iniciar seu verso de resposta. Cantei meu ponto de demanda no primeiro texto (ROMANO, 2020a), o machado foi pedido por alguns críticos<sup>5</sup> e a resposta veio. Antes de começar a responder preciso ressaltar que alguns pesquisadores(as), jongueiros (as) e mestres jongueiros(as)<sup>6</sup> também se posicionaram a respeito. Como esses contatos se deram virtualmente (aplicativos de mensagens e redes sociais), em decorrência das medidas sanitárias de prevenção contra a pandemia da COVID-19, reproduzo algumas dessas falas, sem correções, nas próximas linhas:

*“O povo não gosta de ser contrariado né Rafael?*

*Na real, quer fazer o que quer... o cara quer inventar*

*Jongo é jongo e acabou, jongo é um só...*

*Eu to acompanhando aí né, a galera da Serrinha ficou foi muito puta com você né*

*O cigano corre mundo, o jongueiro foi trazido a força...*

*É cada nego safado se apropriando da situação”*

*Mestre(a) jongueiro(a) de comunidade tradicional*

*“O resumo que vc fez. Desse JONGO CIGANO*

*Era tbm o queeu queria ouvir de Alguemm*

*Seo nosso Jongo /Caxambu. Nasce na Senzala. Como vem falar em Jongo Cigano*

*Engoli engoli aquilo.”*

*Mestre(a) jongueiro(a) de comunidade tradicional*

As falas desses(as) mestres(as) jongueiros(as) e jongueiro(a) dão o tom da receptividade e aquiescência sobre meu texto (ROMANO, 2020a), assim como demonstram o desconforto evidente gerado pela criação do novo “Jongo Cigano” da Serrinha. Nota-se, pelas suas falas, que os(as) mestres jongueiros(as), que são de comunidades tradicionais e centenárias do Sudeste, percebem e se posicionam contrários às tentativas de apropriação cultura indevida. Não quero com isso recorrer à falácia lógica do “discurso de autoridade”, apesar de considerar os mestres e mestras das comunidades tradicionais as maiores autoridades no diz respeito ao jongo. Mas reafirmo que meu texto foi escrito calçado em suas falas, nas vivências que os oitos anos de contato me proporcionaram, no respeito às suas tradições, seus saberes e nas diversas madrugadas, dançando, tocando, cantando jongo e sentados, à beira da fogueira, tomando uma cachaça e ouvindo suas diversas histórias e causos do jongo.

5. Por não ter pedido autorização de uso de imagem vou preservar seus nomes e afiliações. Não me furto, no entanto, a ressaltar que são acadêmicos ligados a renomadas universidades.

6. Suas identidades também foram preservadas.

Alguns(mas) pesquisadores(as), que se debruçam sobre tais temáticas, também me enviaram seus comentários:

*“Parabéns pela abordagem corajosa de um problema muito recorrente nos estudos do negro no Brasil, infelizmente exposto a tantas armações e golpes de aproveitadores, geralmente ‘brancos’, notórios predadores.”*

*Etnomusicólogo(a) e pesquisador(a) da cultura afro-brasileira  
Autor(a) de livro premiado sobre samba e jongo*

*“eu acho bonito qd um pesquisador ou alguém coloca o dedo na ferida do celebratório ... do mais pós estrutural ao decolonial escapar da modernidade nessas discussões contra celebração é muito difícil... pra mim é um projeto do impossível.”*

*Pesquisador(a) da cultura de povos ameríndios e cultura afro-brasileira  
Doutor(a) e professor(a) de programa de pós-graduação stricto sensu*

Isto posto, passo a analisar/ responder às críticas:

*“Com relação a uma das críticas, fica registrada a observação de que jongueiros/as podem não ter explicitamente se referido aos pontos de jongo como “flecha”, palavra que corta, mas que há inúmeros registros e estudos que atribuem aos pontos de jongo a resistência de comunidades negras por meio da comunicação, referindo-se aos mesmos como palavras cifradas que fazem crônicas do cotidiano; como palavras cifradas que programavam fugas no passado; ou ainda como palavras cifradas que proporcionavam e proporcionam momentos de lazer e de diversão.”*

O autor da crítica, em defesa de Robert Slenes, utiliza-se de diversos “lugares-comuns” ao se referir aos pontos dos jongueiros, há época escravizados, como “palavras cifradas que programavam fugas”, para tentar criar uma relação com a metáfora da “flecha”. Nem mesmo o autor, entretanto, parece acreditar em sua própria afirmação, quando defende que “jongueiros/as podem não ter explicitamente se referido aos pontos de jongo como flecha”. A defesa de que os escravizados se utilizavam de charadas e adivinhas para enganar os senhores e feitores é jargão e reforça estereótipos que em nada contribuem para os estudos da escravidão brasileira. Machado (2010), ao realizar uma discussão sobre a temática, por exemplo, demonstra que diversas produções historiográficas vêm rompendo com esses estereótipos de “escravos passivos, acomodados” ou “rebeldes, inconformados”. A escravidão, de acordo com a autora, era moldada “segundo acordos, negociações e arranjos entre seus elementos constituintes: escravos, senhores, agregados,

homens livres, libertos etc” (MACHADO, 2010, p. 27), entre tantas outras questões, tão complexas, que não é meu objetivo (nem seria possível) aprofundar neste artigo.

No início deste texto mencionei três importantes estudos, que contestam a retórica de Slenes (2007) e que o autor da crítica parece desconhecer. São eles: Maria de Lourdes Borges Ribeiro (1984) e sua hipótese sobre o “Jinongonongo”, a argumentação e crítica de Spirito Santo (2011), sobre a retórica de Slenes (2007), ao qual concordo e endosso, e a defesa de Nei Lopes que atribui ao vocábulo “onjongo” a etimologia da palavra jongo. Portanto, para não cansar o leitor e ser demasiado repetitivo, passemos a próxima:

*“Fica ainda a observação de que para discutir a indústria cultural e as apropriações contemporâneas das culturas tradicionais, o autor não precisaria desqualificar estudos relevantes sobre a decolonialidade, especialmente no campo da educação, como o trabalho de Rufino, que, como bem destacou, pertence a outra linha teórica.”*

Em primeiro lugar, o autor da crítica atribui certa pessoalidade, quando utiliza as palavras “desqualificar estudos” que, além de não ser própria do meio acadêmico (por se tratar da crítica de um acadêmico), não representa o real. Neste ponto, me questiono, por exemplo, sobre o que o autor pensaria ao ler Nietzsche citando Rousseau, em *Crepúsculo dos Ídolos*: “[...] doente de uma vaidade e de um auto-desprezo desenfreados. [...] Eu odeio Rousseau ainda na revolução: ele é a expressão histórico-mundial para esta dualidade de idealista e canalha.” (NIETZSCHE, 2001, p. 39-40).

Fato é que, muito distante da relação de Nietzsche e Rousseau, eu e Luiz Rufino cursamos o mestrado em Educação, disciplinas em comum, na mesma época e no mesmo programa de pós-graduação e, sempre que possível, conversávamos nos corredores da UERJ sobre nossos projetos de pesquisa. Ele estudava o jongo e eu já há tempos vinha tendo contato com jongueiros. Eu pesquisava a capoeira e ele desde sempre, capoeirista. Fiz diversas sugestões para sua dissertação e ele para a minha. Portanto, me sobra respeito e admiração a ele. Em segundo lugar, o fato de considerar e admirar seus estudos sobre a decolonialidade, no campo da educação, que são importantes, como foi ressaltado, não o tornam imune às críticas. Este tipo de pensamento é de um simplismo estarrecedor. Sua qualificação de excelência não o impediu de cometer equívocos (e continuar cometendo) em atribuir à fala de jongueiros a metáfora da “flecha que sai da boca”, reforçando um lugar-comum que, como já demonstrei, provém de um historiador norte-americano e branco – Robert Slenes (2007). Em terceiro lugar, a história da filosofia, assim como todos os demais campos do saber humano, nos demonstrou que os filósofos partem de uma discordância com uns para avançar em concordâncias com outros em seus estudos. O fato de estar em “outra linha teórica” também não imuniza ninguém de crítica, independente de onde ela venha. Jacques Derrida, por exemplo, em entrevista à Elisabeth Roudinesco define como “herança” os textos, os autores, as culturas que vieram antes de

nós, afirmando seu respeito e admiração a Foucault, Lacan e Lévi-Strauss, assim como a necessidade da desconstrução de suas obras. Desconstruir, na concepção derridiana, consiste em desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico ou dominante (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004). Derrida é um dos grandes expoentes do pós-estruturalismo e crítico do estruturalismo. Por outra lado, José Paulo Netto (2010), marxista ortodoxo, portanto estruturalista, faz duras críticas ao pós-modernismo, como já demonstrei nas linhas acima. Meu pensamento, neste sentido, não acolhe a desconstrução derridiana, nem proponho que esta seja feita com o Jongo Cigano ou com a metáfora da palavra como flecha que sai da boca. Ao contrário, penso que estas concepções nem se quer deveriam existir.

No último parágrafo de sua crítica a minha pesquisa, o autor faz recomendações:

*“Quanto à problematização do ‘Jongo Cigano’, para aprofundamento de pesquisas futuras, entrevistas com os/as próprios/as integrantes do Jongo da Serrinha sobre sua relação com a comunidade cigana e sobre a motivação do espetáculo estudado podem contribuir.”*

As falas dos integrantes do Jongo da Serrinha, assim como suas motivações pela defesa do Jongo Cigano, estão registradas e documentadas, inclusive em vídeo. Estas foram também citadas, analisadas e criticadas por mim (ROMANO, 2020a; 2020b), o que o autor parece desconsiderar. Em 2014 tive acesso à uma nota de grupos representantes das culturas ciganas repudiando o espetáculo Jongo Cigano. Na época, infelizmente, não salvei este texto que acabou se perdendo e não pude reproduzi-lo, neste ano de 2020. Não que as opiniões e impressões de apenas uma pessoa tenham o condão de representar toda a visão de um grupo, porém penso ser pertinente finalizar com a fala de uma descendente de ciganos da etnia Calon, se referindo ao Jongo Cigano por “aquilo” e mencionando a minha primeira publicação em Romano (2020a).

*“Me senti profundamente incomodada com aquilo, mas não quis entrar em treta pq sei que seria em vão. Mas vc reuniu todos os meus argumentos.”*

## **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*“Hoje em dia é fácil dizer que essa música é nossa raiz  
Tá chovendo de gente que fala de samba  
E não sabe o que diz”*

*Jorge Aragão*

Concluo que a maioria das pesquisas sobre “Jongo” e “Jongo da Serrinha” acenam para um caráter de resignificação cultural e para temáticas sobre resistência cultural, protagonismo negro, relações étnico-raciais, representatividade, decolonialidade, descolonização, preservação e salvaguarda do jongo, memória e patrimônio cultural. Penso que estudos sobre essas temáticas precisam ser realizados e, na maioria dos casos, são pesquisas bastante densas e teoricamente refinadas.

Não há, no entanto, nenhum estudo que se dedique a compreender e aprofundar uma discussão (de nenhuma natureza) sobre o “Jongo Cigano”, além de minha pesquisa (ROMANO, 2020a; ROMANO, 2020b). Sousa (2015) se limitou a defendê-lo, como “ressignificação cultural”, em apenas três páginas de sua dissertação.

A pouca vivência (ou falta dela) por parte da maioria desses pesquisadores, junto aos grupos, comunidades jogueiras, suas práticas culturais, demandas e conflitos, os impede de enxergar diversas nuances. Tende-se a criar uma versão romântica da realidade sobre o jongo, de que “tudo pode”, “tudo é legítimo” dentro da perspectiva dos discursos da resignificação da cultura, quando na verdade o que ocorre é a apropriação cultural e a “mercadorização” da cultura, para ser vendida como produto da indústria cultural. Há ainda os que se valem de lugares-comuns, apegando-se a estereótipos para realizar a defesa do Jongo Cigano, contra os que se posicionaram publicamente contra, como diversos mestres(as) jogueiros(as), jogueiros(as), Spirito Santo (2011) e eu. Poderíamos, por fim, pedir licença a Jorge Aragão e parafrasear sua letra “Tá chovendo de gente que fala de *jongo* e não sabe o que diz”.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. Seleção de textos: Jorge M. B. de Almeida. trad. Julia Elizabeth Levy [et al.]. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. trad. Guido Antonio de Almeida. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

BRASIL. **Jongo no Sudeste**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Ministério da Cultura, Brasília: MEC, 2007.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Fragmento de Velhas histórias, memórias futuras**: o sentido da tradição na obra de Paulinho da Viola. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã...** Diálogo. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

GRUPO CULTURAL JONGO DA SERRINHA. **Jongo da Serrinha**. 10 de abril de 2014. Disponível em: <http://jongodaserrinha.org/jongo-cigano/>. Acesso em: 29 set. 2020.



HELENO, Bárbara Lopes; REINHARDT, Rafaella Max. Apropriação Cultural: Novas Configurações das Identidades na Era da Globalização. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 2017.

MACHADO, Geosiane Mendes. **Com vistas à liberdade: fugas escravas e estratégias de inserção social do fugido nos últimos decênios do século XIX em Minas Gerais**. 2010 (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, 2010.

MENINI, Nataly Chris da Rocha. **Os assim chamados ciganos na capitania da Bahia (século XVIII)** (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em História, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo**. Trad. Edson Bini e Márcio Pugliesi. Curitiba: Hermus, 2001.

PAULO NETTO, José. Posfácio. *In*: COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2 ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo. **Negritude, apropriação cultural e a “crise conceitual” das identidades na modernidade**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios. 27 a 31 de julho de 2015.

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. **O Jongo (1960)**. Cadernos de Folclore 34. FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore. Rio de Janeiro: Sinatra Gráfica e Editora, 1984.

RODRIGUES JÚNIOR, Luiz Rufino. **“Ah, meu filho o Jongo tem suas mumunhas!”: um estudo com os jongueiros e suas narrativas**. 2013 (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ROMANO, Rafael. O jongo cigano da Serrinha: parte de uma histórica que não se conta. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, v. 01, n. 196, p. 1-22, 2020a. doi: <https://doi.org/10.35265/2236-6717-196-8833>

ROMANO, Rafael. QUESTÕES E REFLEXÕES SOBRE O JONGO CIGANO DA SERRINHA. *In*: Anais do seminário estado, trabalho, educação e desenvolvimento: para onde vai a educação? - crise do capital, conservadorismo e desafios à democracia na América Latina (200 anos de Friedrich Engels), 2020, Niterói, RJ, **Anais...** Niterói: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, 2020b. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/seminariogpeted2020/250863-questoes-e-reflexoes-sobre-o-jongo-cigano-da-serrinha/> . Acesso em: 29 nov. 2020.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. 2017 (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTO, Spirito. **Do samba ao funk do Jorjão**: Ritmos, mitos e ledos enganos no enredo de um samba chamado Brasil. Rio de Janeiro: Edição Digital KBR, Edição do Kindle, 2011.

SLENES, Robert W. “Eu venho de muito longe, eu venho cavando”: jongueiros cumba na senzala centro-africana. *In*: LARA, Sílvia Hunold; PACHECO, Gustavo (Orgs.). **Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein**. Vassouras, 1949. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinhas, SP: CECUT, 2007.

SOUSA, Aline Oliveira. **Tia Maria do Jongo**: Memórias que ressignificam identidades das atuais lideranças jongueiras do grupo Jongo da Serrinha. (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2015.

STEIN, Stanley. Uma viagem maravilhosa. *In*: LARA, Sílvia Hunold; PACHECO, Gustavo (Orgs.). **Memória do Jongo**: as gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECUT, 2007.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração Municipal 225

Agenda para el Desarrollo Municipal 225, 226, 227, 228, 229, 230

Análise do Discurso 53, 54, 55, 69, 186, 195

Antropologia 55, 173, 174, 176, 177, 179, 184, 185, 245, 246

Aprendizagem 41, 84, 85, 87, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 247, 248, 249, 250, 255, 256

Arrependimento 144, 151, 153

Ateliê Biográfico de Projeto 93, 94, 95, 97, 99, 101

### C

Competência Profissional 113, 116, 120

Comunicação 17, 37, 39, 42, 54, 71, 73, 77, 105, 116, 142, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 193, 194, 242, 250

Consumo Cultural 173

Corrupção 144, 145, 146, 148, 149, 150, 152

### D

DCNEM 103, 107, 108, 109, 111

Desarrollo 209, 210, 211, 213, 215, 216, 218, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Direito 20, 21, 23, 24, 27, 45, 67, 91, 101, 118, 134, 135, 146, 147, 153, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 238

### E

Educação Judaica 133

Ensino Médio Politécnico 103, 107, 110, 112

Epistemologia 2, 104, 155, 156, 159, 161, 163, 165, 167, 170, 171

Escalas de Wechsler 126, 128

Espaço 4, 19, 22, 23, 24, 27, 31, 33, 36, 37, 46, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 84, 85, 87, 91, 99, 105, 119, 120, 135, 136, 138, 158, 168, 172, 191, 203, 242, 246

Estudos Culturais 74, 82, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 184, 185

Evaluación 48, 225, 226, 227, 228, 229, 230

## **F**

Feminilização 40, 42, 43, 44, 45, 46, 49  
Feminismo Negro 50, 55, 69  
Feminização 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49  
Formação Docente 46, 85, 93, 100, 113, 114

## **G**

Gênero 19, 21, 28, 39, 40, 48, 69  
Gênero Biográfico 19, 21, 22  
Gênero Feminino 19, 21

## **I**

Identidade 113, 133, 195  
Identidade Profissional 113, 114, 123  
Imaginário-Discursivo 1, 6, 9, 10, 16  
Imposto 144, 146, 148, 151, 153  
Indicadores 48, 210, 225, 226, 227, 229  
Inteligência 37, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137  
Interdisciplinaridade 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112  
Interseccionalidade 27, 45, 50, 53

## **J**

Jongo 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

## **L**

LDB 103, 107, 108, 109, 111, 114  
Litoral Norte de Maceió 231, 232, 239, 242, 244

## **M**

Memória 22, 28, 33, 74, 80, 81, 82, 91, 96, 97, 128, 133, 134, 136, 139, 183, 237, 239, 246  
Metodologia 2, 1, 94, 95, 112, 247  
Metodologia Rizomática 1, 9, 16  
Mídia 142, 157, 158, 165, 167, 168, 171, 172, 186, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195  
Militância 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 64, 68

## **N**

Narrativas 1, 39, 45, 46, 48, 93  
Narrativas de Si 1

Negritude 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 64, 81

## **P**

Patrimônio Cultural 72, 80, 231, 233, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 244, 245, 246

PCNEM 103, 107, 108, 109, 110, 111

Pedagogia LGBT 1

Política de Preservação 231, 233, 241, 245

Políticas Públicas 40, 46, 48, 119, 142, 172, 188, 198, 203, 206, 209, 236, 240, 245

Produção de Sentidos 186, 187, 195

Propriedade Intelectual 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207

## **R**

Recepção 1, 156, 173, 174, 175, 176, 184, 189

Recursos Naturales 209, 211

## **S**

Saúde 26, 47, 59, 149, 152, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 244

Seguridad 209, 216, 217, 218, 223, 227

## **T**

Testes de Inteligência 126

Transdisciplinaridade 1, 105, 108, 111

# EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

---

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

---

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 